

Sexualidade: o que a biologia tem a dizer?

Caroline Tavares Passos¹

Filipe Ferreira da Silveira²

Daniela Pavani³

Maria Cecília de Chiara Moço⁴

Rosimeri Aquino da Silva⁵

O presente estudo tem a proposta de colaborar com as discussões do campo educacional sobre as questões de gênero e sexualidade, a partir de argumentações do campo biológico, procurando dar uma visão diferenciada, não determinista ou engessada, como costuma aparecer nos livros didáticos de ciências e biologia para a educação básica. Este texto é resultado da produção e participação dos bolsistas do PIBID para a discussão na Roda de Conversa sobre Gênero e Sexualidade, do Seminário Institucional do PIBID de 2017. O seu ponto de partida foi a palestra intitulada “Gênero e Sexualidade: O que a biologia tem a dizer?”, ocorrida no mês de maio de 2017, no I Encontro de Diversidade Sexual e de Gênero, organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (NEPGS), do Campus de Canoas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS Canoas). As discussões ocorridas na Roda de Conversa, que reuniu bolsistas dos subprojetos de Biologia, Ciências Sociais, Matemática, História e outros, também contribuíram para a elaboração do presente texto.

O tema Sexualidade se faz presente no ensino de Biologia e de Ciências quando o assunto é perpetuação de espécies, seja em um organismo protista, uni ou pluricelular, animal ou vegetal. A partir dessa prerrogativa, procuramos evidenciar o desenvolvimento da sexualidade em diversos grupos, com destaque ao reino animal, a fim de esclarecermos qual seria o papel evolutivo do sexo. Essa composição foi resultado da busca por uma

¹ Bolsista de Iniciação a Docência do PIBID Intervale UFRGS.

² Bolsista de Iniciação a Docência do PIBID Biologia UFRGS até março de 2017.

³ Coordenadora de área PIBID InterVale UFRGS.

⁴ Coordenadora de área PIBID Biologia UFRGS.

⁵ Coordenadora de área PIBID Ciências Sociais UFRGS.

discussão sobre diversidade sexual, refletindo sobre sua implicação na sociedade humana através de questionamentos sobre as diferentes opiniões apresentadas pelo senso comum, como será relatado no decorrer deste texto. Em outras áreas do conhecimento, inclusive nas humanísticas, há, em termos gerais, a aceitação e a incorporação em seus conteúdos curriculares de conceitos universalistas em relação às sexualidades, o que contribui para a manutenção de um pensamento comum negador da diversidade.

Para que serve o sexo?

A reprodução sexuada garante a variabilidade genética das espécies e das populações. Uma baixa variabilidade resulta em uma população geneticamente homogênea. No entanto, uma população composta por indivíduos muito semelhantes geneticamente entre si tem suas vantagens e desvantagens. Quando uma população é muito bem adaptada ao local que habita, esta aumenta de tamanho e predomina de forma harmônica no ambiente. Porém, em caso de algum distúrbio destrutivo, seja ele originado por um evento climático ou biológico (predador, patógeno), os indivíduos da população podem sofrer danos devido à carência de genes que expressem características morfológicas, fisiológicas ou comportamentais que os auxiliem a reagir de maneira positiva a estas mudanças. Dessa forma, a seleção natural é a capacidade das variáveis ambientais em selecionar indivíduos que sobrevivem e se reproduzem com sucesso, passando seu genótipo para sua prole, em determinada situação ambiental.

O primeiro organismo vivo do planeta era unicelular, surgiu no ambiente aquático e sua reprodução era assexuada, ou seja, uma célula se dividia em duas, gerando duas outras células idênticas, semelhante à reprodução das bactérias atuais. As mutações, ou alterações no DNA, ocorrem ao acaso e, após a divisão celular, originam células diferentes. Após diversas gerações, os organismos multicelulares foram capazes de diferenciar suas células para exercer diferentes funções. As células gaméticas, ou gametas, são células especializadas para a reprodução. Este evento tornou possível a junção de material genético de dois indivíduos diferentes para a formação de uma célula (o zigoto) também diferente dos dois indivíduos que a originaram, aumentando a variabilidade populacional.

Os gametas diferentes poderiam ser chamados de qualquer nome: Vênus e Marte, Positivo e Negativo, Yin e Yang ou Alfa e Beta, mas foram chamados de feminino e masculino. Foi uma escolha. Cientistas fazem isso, dão nomes e classificam tudo que tem no mundo. Os outros cientistas aceitam ou rejeitam estas classificações e terminologias. Parece que os cientis-

tas antigos aceitaram, principalmente porque era a Igreja Católica que financiava os cientistas e quem ia contra os dogmas era preso, acusado de ser bruxa ou filho do diabo e morto! Em termos sociológicos, poderíamos compreender que as ciências biológicas, assim como outros campos de saberes, não se encontram isentos, neutros ou distanciados das relações de poder que constituem as sociedades.

Mas afinal, qual o resultado dessa história evolutiva? A resposta é uma grande, enorme, imensa, diversidade sexual!

A verdade é que existem milhares de formas de manifestação sexual na história evolutiva dos seres vivos, mas as descobertas que vêm a público e que ilustram os livros didáticos de ciências e biologia são selecionadas (ou devemos dizer censuradas?) e mostram o que se considera “normal” ou o que é mais semelhante ao que se espera de uma população humana. O antropocentrismo é tão dominante no mundo científico que existe uma tendência clara a se expor ao público somente aquilo que agrada e atende as expectativas deste público. Vamos mostrar a seguir exemplos que não aparecem nestes livros:

Os insetos correspondem ao grupo com maior diversidade sexual do planeta, com um imenso repertório de comportamentos e estruturas copulatórias. Interessante notar que neste grupo os machos se sacrificam à morte para garantir exclusividade na reprodução com uma determinada fêmea, enquanto que as fêmeas apresentam mecanismos para diversificar seus pretendentes, a fim de aumentar a variabilidade de seus genes à próxima geração. A variedade sexual observada nos insetos contribuiu para seu sucesso ecológico em uma gama extensa de ambientes, sendo este grupo composto pelo maior número de espécies dentre todos os animais da Terra.

Em algumas espécies de abelhas, o macho, na tentativa de ser o único a fecundar a fêmea, perde o seu pênis após a cópula, que fica preso no corpo da abelha rainha de forma semelhante a uma rolha, para evitar que outro macho possa tentar reproduzir-se com ela. Entretanto, as fêmeas desenvolveram um método de expelir essa rolha, permitindo a cópula com outros machos. Já o “besouro do amor” possui uma técnica mais complicada de assegurar sua exclusividade. Ele não perde o seu pênis, mas fica preso junto com ele ao corpo da fêmea por semanas, até que ocorra a liberação de seus ovos.

Outro processo interessante ocorre em baratas, quando o sucesso da prole se deve especialmente à grande quantidade de filhotes e ao seu rápido desenvolvimento. Para que isso ocorra, as fêmeas acasalam uma única vez

na vida e retêm o esperma dentro de seu organismo, podendo gerar centenas de milhares de filhotes ao longo de sua vida sem um maior custo energético com diversas cópulas sucessivas.

Analisando a conduta de competição para o acasalamento, o que poderia levar um indivíduo à escolha de seu parceiro ideal? O fato é que a escolha para a reprodução jamais é por acaso, pois agora que existe a possibilidade da variabilidade genética, é evidente que não faz muito sentido passar para as próximas gerações os genes que expressam fenótipos menos eficientes para a vida. As melhores adaptações, além de propiciarem maior sobrevivência aos indivíduos, tornam-se aspectos importantes para a decisão de qual deles será o melhor pretendente. Esse processo é chamado de seleção sexual e ocorre, principalmente, através de dois princípios: atrair membros do sexo oposto ou combater membros do mesmo sexo.

Embora seja evidente a seleção sexual, isso não significa que a característica escolhida no pretendente defina o sucesso da população ou espécie. O alce irlandês macho, animal já extinto, possuía grandes galhadas e, quanto maior elas fossem, maior a probabilidade de ganhar um combate e ser selecionado pelas fêmeas. Assim, a característica “grande galhada” tinha maior probabilidade de ser passada para as próximas gerações. As galhadas de seus descendentes foram se tornando tão grandes e pesadas, devido à seleção sexual, que passaram a ficar insustentáveis para a vida, pois tornavam os machos mais lentos e, portanto, mais suscetíveis aos predadores. Há suspeitas de que este possa ter sido o principal motivo da extinção dessa espécie.

Existem casos de transexualidade também em animais?

Sim, também encontraremos casos de transgênero que ocorrem naturalmente, nomeados com o mesmo termo. É estimado que cerca de 10% de todas as espécies de peixes do mundo sejam providas de mecanismos que possibilitam a troca de sexo gonadal. Isso quer dizer que estes animais chegam a transformar completamente seus órgãos reprodutivos, deixando de produzir gametas do seu antigo sexo e produzindo novos tipos.

A transexualidade, em muitas espécies, é essencial para a sobrevivência de suas populações quando há algum distúrbio que favorece a sobrevivência de espécimes de um sexo específico, com a consequente queda na riqueza dos indivíduos do sexo oposto. O processo de troca do sexo gonadal começa após uma série de encontros reprodutivos sem sucesso, já que as tentativas ocorrem frequentemente entre membros do mesmo sexo, o que desencadeia uma resposta fisiológica. Através de hormônios endóge-

nos, o organismo se modifica fisicamente, resultando na alteração das gônadas para produção de gametas do outro tipo. Essa transformação pode levar cerca de três meses, apenas, sendo irreversível ou não, conforme a espécie.

Com todas essas informações, pensando biologicamente, surge outra questão: qual o fundamento ecológico, evolutivo e natural que possa justificar a homossexualidade? Como ela é perpetuada se não há como dois indivíduos do mesmo sexo se reproduzirem?

Essas são dúvidas corriqueiras e muito sensatas. O sexo entre indivíduos do mesmo gênero seria um despendimento de energia que não seria útil à perpetuação da espécie, uma vez que não geraria prole. Porém, agora abordando outro aspecto da sexualidade, talvez as coisas façam mais sentido: o aspecto social.

Muito animais, mais de 1.500 espécies relatadas, principalmente entre os mamíferos, se utilizam do sexo para reforçar relações em um grupo ou bando. Os macacos de Gibraltar realizam, em média, uma relação sexual a cada hora, independentemente das características individuais e do sexo do pretendente. Os estudos afirmam que, muitas vezes, não ocorre deposição de esperma pelos machos no ato sexual, o que só seria estimulado por uma série de vocalizações muito intensas da fêmea, podendo ser esta uma característica para seleção sexual das fêmeas. Mas qual seria a função de um ato sexual sem possibilidade de reprodução? Bem, este é um caso explícito de sexo sem fins reprodutivos, mas com fins exclusivamente sociais. O ato sexual entre esses macacos é extremamente frequente e está ligado a uma série de outros tipos de relações sociais, como resolução de conflitos, reconhecimento entre indivíduos, acordos territoriais e até, quem sabe, diversão.

Também existem relatos de que leões machos podem fortalecer uma relação acasalando entre si, e a partir disso podem unir-se para combater um inimigo em comum.

Outra teoria, a Teoria da Seleção de Parentesco, nos traz a hipótese de que em épocas de crise, com recursos escassos e alta competição, é mais interessante para a população a garantia de que os indivíduos que já nasceram sobrevivam, do que gerar mais prole para competir pelos recursos.

A manutenção e perpetuação genética da homossexualidade, por outro lado, se dá através da epigenética. Já reparou que todas as células do nosso corpo apresentam o mesmo DNA, porém existem vários tipos diferentes de células (neurônios, hemáceas, células musculares, ósseas)? Isso é

possível porque nem sempre os mesmos segmentos do DNA estão ativados em todas as células.

A epigenética é uma área da genética que estuda mudanças no DNA que não alteram, necessariamente, os pares de base da dupla hélice, mas que acabam por deixar marcas neste DNA. Essas marcas podem ser provenientes de alterações químicas, como as metilações, por exemplo, que acabam interferindo nos receptores de testosterona, aumentando ou diminuindo a sua sensibilização.

Temos que ter em mente que a sexualidade não pode ser tratada com viés determinista e que estamos visando com esta abordagem, trazer o aspecto biológico relacionado com a homossexualidade, muitas vezes negligenciada e tratada como apenas psicológica e até mesmo como mutável. O recurso ao argumento de que a homossexualidade ou a troca de sexo iriam contra as “leis da natureza” é bastante utilizado por setores que parecem desconhecer os aspectos acima referidos.

Sexualidade em seres humanos

Bom, após conhecermos um pouco dos hábitos de outros animais, o que sabemos sobre os nossos próprios comportamentos? Os seres humanos sempre foram monogâmicos, unidos pelo amor? O amor pode ter alguma função ecológica?

Os primatas ancestrais dos seres humanos não foram sempre bípedes. E, juntamente com essa nova adaptação de andar em dois pés, se deram algumas outras modificações importantes, especialmente no corpo das fêmeas, cuja pélvis se tornou menor e não poderia mais sustentar o desenvolvimento completo de um filho. Além disso, o crânio foi se tornando cada vez maior ao longo da evolução, dificultando o parto tardio e fazendo com que os filhotes passassem a nascer prematuros. A partir disso, se tornava muito maior o dispêndio de energia da mãe para com sua prole, que necessitava de mais cuidados e proteção, já que boa parte de seu desenvolvimento agora se dava fora do útero materno.

Segundo algumas teorias, o amor seria uma ótima maneira de atração entre a mãe e o pai de um bebê para que se mantivessem trabalhando juntos para o desenvolvimento da criança até que se tornasse um adulto capaz de sobreviver sozinho. A monogamia seria uma solução para o sucesso da prole humana e para a continuação da espécie em tempos de vida selvagem, suscetível às intempéries e riscos do habitat natural. É de se ques-

tionar, todavia, quais as mudanças ocorridas na forma de vida dos seres humanos, desde sua existência, e se ainda cabe definir esta ou quaisquer maneiras de se relacionar como padrão ou de maior sucesso no modelo de sociedade atual, questão que ficará aqui disponível para a reflexão do leitor. Estudos antropológicos sobre novas configurações familiares, circulação de crianças, entre outros, nos permitem questionar se esse modelo é o único capaz de garantir a sobrevivência das novas gerações.

A seguir vamos expor uma breve história da sexualidade no decorrer da história das sociedades humanas.

Antiguidade

A Sexualidade, desde os primórdios das civilizações, desperta interesse e fascinação. Na antiga mesopotâmia temos, através da mitologia, a ideia de que o sexo é libertador e curativo. A epopéia de Gilgamesh relata, por exemplo, uma história onde Gilgamesh tenta persuadir um inimigo que vive na floresta. Chamado de Enkidu, o homem selvagem, criado a partir do barro pela deusa Aruru, vive em meio aos animais e desconhece os costumes humanos. Gilgamesh é estimulado pelo seu povo a fazer algo contra Enkidu, já que este liberta os animais das armadilhas, gerando queixas dos cidadãos. Gilgamesh então envia uma prostituta da cidade de Uruk, para manter relações com ele e trazê-lo para a cidade. Após sete dias e sete noites, Enkidu vai a Uruk e tem uma batalha épica com Gilgamesh. Ao final, os dois tornam-se amigos inseparáveis. Os animais que antes viviam com Enkidu, agora não mais confiam nele.

Vemos claramente nesta lenda Suméria que o sexo é purificador e curativo. Ao contrário do aspecto animalesco dado ao sexo em diversos momentos, inclusive em algumas obras brasileiras como *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicado no século passado, aqui o sexo civiliza e integra o indivíduo na sociedade.

A sexualidade e a religião caminharam juntas também no antigo Egito. Tanto é que a criação da humanidade se deu através da masturbação do Deus Atum em Heliópolis. O sexo no Egito Antigo poderia ser definido como liberal, tanto é que não existem em seu antigo idioma palavras que signifiquem “virgem” ou “virgindade”. Vemos nessa cultura também um surgimento do sexo romantizado e erotizado, resultando em fantasias e em contos eróticos, mitológicos ou não. Porém o adultério poderia aqui resultar em mutilação e até mesmo a morte. A gravidez também era muito im-

portante, tanto é que diversos métodos de detecção de gravidez aqui foram desenvolvidos. Um deles, em especial, se tratava de inserir uma cebola na vagina e, através do cheiro, seria possível diagnosticar se a mulher estava gestante ou não. Métodos contraceptivos também se faziam presentes no cotidiano – além de esponjas de papiro, também eram utilizadas flores de acácia e esterco de crocodilo.

Uma das histórias contadas pelo historiador e geógrafo grego Heródoto é de que o Faraó Khufu, responsável pela construção da Pirâmide de Gizé, construiu-a prostituindo sua filha, exigindo que cada cliente lhe trouxesse um bloco de pedra para sua pirâmide. É demonstrado com esta história que o patriarcado já estava muito bem consolidado desde aquela época. Apesar disso, as mulheres, em especial as de altas castas sociais, exerciam papéis poderosos e políticos nesta civilização. Não podemos deixar de mencionar Cleópatra, aqui. Direito a divórcio, propriedade, receber remuneração, eram práticas comuns. Evidentemente que nas bases da pirâmide social esses direitos eram menos concedidos, como em muitas sociedades. Temos que ter aqui, então, a compreensão de uma não homogeneização social. As mulheres de classes sociais baixas tinham menos acesso a recursos e possibilidades que as mulheres da nobreza.

Tendo em vista a maior influência das sociedades antigas ocidentais, vamos agora nos deter um pouco sobre a cultura Grega e Romana. Os homens gregos usufruíam de diversos privilégios, concedidos apenas pelo fato de serem homens. Baseados na superioridade masculina, já que a mulher, através da lenda de Pandora, teria trazido os “males do mundo”, os homens podiam ter papéis políticos e ser relevantes para a sociedade. As mulheres eram subjugadas, dadas como presentes ou em tratados de casamento, que tinham como objetivo político ou econômico estabelecer relações. A homossexualidade era um fator presente na sociedade também. Homens se relacionavam entre si, na maioria dos casos um jovem com um adulto, visando realizar um rito de passagem, adquirir conhecimentos. Relações sexuais também estreitavam os laços de soldados, que batalhavam com maior intensidade para defender seus companheiros de exército e romance.

Tendo em vista o fato das mulheres serem negligenciadas pelos homens, isso fez com que a convivência entre elas fosse grande, o que resultou em diversos contos sobre desejo sexual entre mulheres, em especial da poetisa Safo, da Ilha de Lesbos. As mulheres de Lesbos eram chamadas de lésbicas, porém os sentidos da palavra lésbica eram distintos do de hoje. Significava viver ou agir como as mulheres de Lesbos. As mulheres de Les-

bos deixaram o ambiente domiciliar e viviam o mundo cultural, do debate e da sexualidade restrito aos homens. Mas o que foi de fato mais notório no trabalho de Safo foi relatar a independência e autonomia da mulher em uma sociedade patriarcal.

Com a ascensão de Alexandre, O Grande, o domínio da Grécia cresce, dando início ao período mais conhecido como Helênico. Mas o impacto desta mudança na Grécia reflete nos hábitos de seu povo. O avanço da ciência, assim como a percepção da humanidade na mulher, se fazem agora presentes. A mulher torna-se o ideal de beleza grega e o erotismo heteronormativo entra em evidência desbancando as relações homossexuais que na época clássica prevaleceram.

Em outro contexto, posteriormente, as Guerras Púnicas colocam Roma como uma poderosa potência, dominando praticamente todo o continente europeu. Os romanos acabam por assimilar muito da cultura grega, tratando do sexo como algo corriqueiro e comum. Falos são esculpidos em paredes, placas, ruas e calçadas, simbolizando boa sorte. Porém aqui vemos mais evidentemente o sexo como relação de poder. Um indivíduo é o dominador enquanto o outro é o dominado. Não se pode dizer que a cultura do estupro nasceu em Roma, mas com certeza ela ficou mais evidente e ganhou amplo significado. Roma, como um império comandado pelo patriarcado, tinha o homem em posição de poder e domínio, enquanto mulheres não possuíam direito de voto e deveriam se subjugar a seus maridos. Um homem era tido como impenetrável, tendo em vista que isso estava diretamente relacionado com sua posição de poder. Entretanto, homens menos abastados de recursos financeiros e influência poderiam ser encontrados em prostíbulos de Pompéia para o papel de mais passividade no ato sexual. Tendo o sexo como relação de poder, evidentemente os escravos e escravas eram os mais comumente procurados como objetos sexuais.

A moralidade chega em Roma com o Imperador Augusto em 63 a. C. Utilizando-se da exacerbada sexualidade de seus inimigos, fez deste interesse uma forma de combater seus adversários na guerra civil na qual estava lutando. Augusto acaba por tornar crime o adultério. Alarmado com a baixa taxa de natalidade e a alta taxa de divórcios na elite, convenceu-se de que tais índices poderiam levar à queda do Império. Lembrando que o direito a divórcio era muito mais exercido pelos nobres, devido aos seus recursos financeiros, impostos mais baixos seriam cobrados de casais que permanecem casados e que tivessem mais filhos.

Com a queda do Império Romano devido ao saque realizado pelos povos Godos, chega ao fim esta era de domínio ocidental. Mas isso não significa que a moralidade lá presente foi enterrada, afinal, dois homens, Gerônimo e Agostinho, formularam alguns princípios de como a igreja encara o sexo e a sexualidade, que perduram até hoje. Agostinho, em particular, viveu sua juventude como qualquer outro cidadão Romano, usufruindo dos prazeres que a sociedade poderia lhe proporcionar. Porém, quando decidiu se converter ao Cristianismo, teve muitas dificuldades em relação ao Celibato. Soube-se disso através de suas confissões escritas. Agostinho afirmava que o único sexo admissível perante Deus seria do homem sobre a esposa de bruços, visando a procriação.

Antiguidade oriental

Ao contrário do continente europeu, o oriente já havia estabelecido uma relação harmoniosa entre espiritualidade e sexo. Os antigos filósofos chineses foram influenciados pelas linhas de pensamento do Confucionismo, do Taoísmo e do Budismo. Os dois primeiros modos de pensamento eram muitos semelhantes quando o assunto era relações sexuais. Já o Budismo tratava mais a respeito da transcendência da vida.

No Confucionismo e no Taoísmo pregava-se a existência do Yin e do Yang como forma de essência masculina e feminina, baseada no equilíbrio do bem e do mal. Enquanto o homem tinha a manifestação de seu Yin e Yang como sêmen, a mulher tinha sua manifestação como energia vital atingida através do orgasmo. Vemos aqui uma das primeiras culturas a se preocupar e buscar o orgasmo feminino. Acreditava-se que a não ejaculação tornaria o homem mais forte, aumentando a probabilidade do orgasmo feminino.

A poligamia era uma realidade na China antiga, tendo em vista a alta mortalidade infantil e o incentivo, através do Confucionismo, de constituição da família como entidade social. Devido a isso, afrodisíacos eram estudados e produzidos visando garantir que o homem conseguisse manter relações com todas as suas esposas.

Já na cultura Japonesa, acreditava-se que o homem tinha algo em excesso, enquanto a mulher tinha falta de algo. A união deste excesso com a falta resultaria no ato sexual. Diferentemente da cultura ocidental, o sexo no Japão não era tratado como pecado e não traria maiores problemas se trouxesse descendentes. Casas de prostituição, autorizadas ou não pelo

Império, eram uma realidade. Ao contrário do que o senso comum acredita, as Gueixas não eram prostitutas. O significado da palavra Gueixa é artista. Elas eram *entertainers*, cantavam, dançavam, atuavam e ocasionalmente poderiam ter relações sexuais com seus clientes.

O teatro Japonês também traz suas marcas da identidade e sexualidade do povo. Kabuki era a denominação do teatro japonês onde apenas homens atuavam e poderiam, inclusive, interpretar personagens femininos. Geralmente os papéis femininos eram interpretados por prostitutas que acabavam se relacionando com os Xoguns e Samurais que ficavam no topo da carreira militar da época, nomeados diretamente pelo Imperador. Apesar de ser uma relação entre dois homens, não era tratada como homossexualidade. Esses cidadãos de alta patente militar eram casados e esta prática teve continuidade até grande parte do período moderno.

No mundo oriental a mulher e o homem estavam envolvidos no processo da criação do prazer e das relações sexuais. Na cultura Indiana, o mundo surgiu através do céu e da terra fazendo amor consensual. Sexualidade e religiosidade são muito conjugadas nesta cultura. Todos seus deuses tinham esposas, filhos, amantes, muito parecido com os gregos neste aspecto. O Kama Sutra surgiu com o objetivo de auxiliar os nobres na refinação de técnicas sexuais, apesar de ter sido escrito por um espiritualista que nunca praticou sexo. Incluindo sugestões para o sexo homossexual, inclusive.

Atualmente a homossexualidade é ilegal na Índia, sendo punida com cerca de 187 anos de prisão. Porém essas leis não têm suas origens na Índia, mas foram impostas pelo Império Britânico em 1860, visando a unificação da sexualidade no país de costumes mais abertos. A fluidez de gênero era comum no país, com divindades andrógenas e uma comunidade transgênero tradicional, como a dos Hijra. A herança da moralidade da era vitoriana inglesa impregnou a Índia e proibiu o sexo não destinado à procriação. E mesmo após a independência do Reino Unido, mantiveram estas leis restritivas.

Idade Média

Essa era surgiu com a decadência do Império Romano, absorvendo ideais e valores dos povos germânicos e com o surgimento da Igreja Cristã como uma nova instituição de poder. A visão de sexo da Igreja era um tanto quanto ambígua, pois enquanto o sexo foi criado por Deus para que Adão e Eva se reproduzissem, ao mesmo tempo, com a expulsão de ambos

do paraíso, o sexo era tratado com cunho animalesco, incontrolável e insaciável. Através de dogmas como o Casamento e o Celibato a igreja tentou direcionar o aspecto sexual para algo de aspecto mais divino, tendo em vista que se foi criação divina não poderia ser de todo mau. O casamento aqui tem como finalidade ditar a relação entre marido e esposa, reafirmando papéis de submissão feminina e manutenção do patriarcado. Lembremos que a própria instituição de poder da Igreja Católica é construída com base na predileção masculina.

A elaboração do livro de penitências tinha como objetivo enumerar os pecados e suas respectivas penitências. Homossexualidade, zoofilia, incesto e relacionar-se com algum membro da igreja era considerado crime punível com a morte através da Lei de Moisés. Essa Lei de Moisés é baseada no antigo testamento que dá origem ao Torá, em hebraico. Consistiria na lei Imutável, Única e Eterna de Deus, onde sua síntese seriam os dez mandamentos da Igreja Católica. Ainda tinham como concepção de ato libidinoso a fornicação, o adultério, a masturbação e a poluição noturna. Havia inclusive um castigo correspondente à utilização de vibradores.

Como não havia um poder centralizado nesta época, isso acabou incentivando povos vikings a atacarem e saquearem a Europa. Há a história de um caso onde quando os vikings chegaram em um seminário de freiras, elas cortaram seus narizes na tentativa de desfigurar a face e assim não serem estupradas e protegerem sua virgindade.

Com essa falta de poder centralizado para defender o povo, surge o sistema feudal, onde teoricamente o Suserano, senhor das terras, protegeria os Vassalos, trabalhadores e trabalhadoras do campo. Assim o Clero ganhou mais poder e estabilidade, direcionando-se para a tentativa de lidar com a sexualidade do seu Clérigo e de seus Fiéis. Neste momento ocorrem as Cruzadas, guerra onde a igreja e a nobreza tentaram libertar Jerusalém do Islã.

Com a urbanização e a vida nas cidades da alta Idade Média, há a origem de uma vida sexual altamente variada, enquanto a igreja se tornava ainda mais rígida a respeito do sexo e do desejo do ser humano. Gradualmente vai ocorrendo o êxodo rural em massa, influenciando a cidade. Aspectos como virilidade eram medidos conforme o tamanho da ponta dos sapatos. Talvez aí se originem os mitos a respeito da proporção do pênis e outras partes do corpo, como mãos e pés, que perduram até a atualidade. Ornamentos utilizados sobre as roupas na região pélvica tinham como principal objetivo demonstrar um maior volume na região, ou seja, a virilidade,

apetite sexual e tamanho fálico eram coisas relacionadas. Em contrapartida havia os cintos de castidade, que os homens colocavam em suas esposas, impossibilitando que elas conseguissem realizar sexo com outros parceiros, pois apenas o marido teria a chave para abrir o cinto. Há autores que justificam a existência do cinto de castidade com o objetivo de garantir a hereditariedade da prole, tendo em vista que apenas o filho legítimo teria direito à herança do pai.

Os tribunais civis e da igreja começaram a condenar efetivamente condutas sexuais nos séculos XII e XIII. A punição à sodomia, caracterizada por relações homoafetivas, era a morte por enforcamento. Até mesmo relacionamentos heteronormativos eram puníveis. Neste caso, se o casal fizesse sexo e a mulher estivesse sobre o homem, isto era considerado pecado, talvez visando a manutenção da mulher como subjugada ao homem. Morte por inanição, queima, amputações eram castigos relacionados a esses júris.

Com a iminência das grandes navegações e a chegada dos espanhóis na América descobriram-se outras civilizações com seus próprios dogmas e cultura sexual: os nativos americanos.

Tanto Maias quanto Astecas tinham visões bem parecidas a respeito do sexo. O adultério era punido com a morte e o desejo sexual deveria ser contido. Caso não fosse, castigos divinos infligiriam as genitálias. Talvez aqui tenha ficado mais em evidência o controle sexual visando a saúde pública, já que quanto mais parceiros uma pessoa tivesse, maior seria a probabilidade de alguma doença venérea. Os espanhóis usaram como pretexto a cultura dos americanos nativos para classificá-los como selvagens e assim dominarem suas terras e explorarem suas riquezas.

Enquanto isso, em Florença e Veneza a Renascença ganharia muita força. Consistiu em um movimento intelectual de onde surgiram Leonardo Da Vinci, Galileu e Michelangelo. Evidentemente, no fim da idade média os votos celibatários não estavam sendo cumpridos pelos clérigos, mas a rigidez da igreja com as punições aos fiéis persistia. Padres, monges, bispos e papas envolviam-se em escândalos. Assim, pelo descontentamento com a tirania e a corrupção da Igreja surgiria a Reforma Protestante, por Martinho Lutero. Protestantes acreditavam que clérigos poderiam casar-se sem que isso afetasse seus deveres com Deus, afinal o casamento era uma dádiva divina.

Idade Moderna

Com o Renascimento e pelo avanço das ciências com o Iluminismo, começou-se a questionar os valores pregados pela Igreja Católica e tudo era passível de investigação científica. Talvez seja Dom Juan, personagem de Tirso de Molina, um bom representante dessa nova cultura sexual libertadora.

Nesta época eram comuns casamentos arranjados, visando interesse familiar, político ou financeiro. Muitas vezes esses arranjos geravam o casamento entre uma mulher muito jovem e um homem muito mais velho. Tendo em vista esses hábitos um tanto antiquados, temos aqui uma inovação, o surgimento dos Ciscibeus, maridos auxiliares que acompanhavam as mulheres em suas vidas sociais. É neste momento que surgem os libertinos, favoráveis à libertação sexual.

Desgostosos com os excessos sexuais da corte dos reinos da Europa e dos libertinos, os peregrinos e protestantes reagiram com uma nova onda de moralidade. Trouxeram consigo a crença de que todas as criaturas de Deus eram amaldiçoadas desde o útero. Cada aspecto de pensamento sexual, consciente ou inconsciente deveria ser reprimido.

Nas colônias ao norte do continente Americano, com recursos escassos e uma pirâmide demográfica desbalanceada, com o correspondente de seis homens para cada mulher, surgiram hábitos curiosos. Como fazia muito frio no inverno, frequentemente as residências eram pequenas e uma família poderia prontamente dividir apenas uma cama. Quando um casal jovem da família, ainda não casado, era convidado a dormir na cama da família, era colocado um pedaço de madeira para separar o jovem casal.

Descendentes franceses que colonizaram o norte da América do Norte aprenderam a linguagem dos nativos e casavam-se livremente, miscigenando as populações. Enquanto os descendentes dos Ingleses, no sul da América do Norte, acreditavam que eram superiores aos povos nativos.

Com o influxo de povos de matriz africana para a América como mão de obra escrava, novas visões a respeito da sexualidade vieram junto. Diferentemente do colono europeu que pensava no sexo apenas como forma de procriação, os povos afrodescendentes tinham sexo e fertilidade como aspectos distintos do ser humano. Assim como os povos nativos da América, a diversidade de crenças e cultura de nações africanas é enorme. Inclusive no continente africano havia uma tribo na qual uma mulher de recursos poderia ter sua própria esposa em uma sociedade patriarcal.

Os povos africanos, sequestrados de sua terra, tiveram que conviver com a possibilidade de não manter relacionamentos familiares, já que por capricho do escravizador poderiam ser separados de seus laços a qualquer momento.

Na Europa, a princesa Victória da Prússia fez surgir uma nova palavra que definiria uma era: a era vitoriana. Contrapondo os excessos da corte e da nobreza, após casar-se com seu marido, trouxe a ideia de que a mulher tem como função social/moral cuidar da família enquanto o homem trabalha para sustentar a família, corroborando com o conservadorismo na Europa. Nesta nova onda conservadora, cintos de castidade para homens e mulheres, visando impedir a masturbação e inclusive a poluição noturna, eram amplamente difundidos. Médicos escreveram manuais de sexo, instruindo quem os lesse que o sexo saudável era praticado de uma vez por mês a uma vez por ano, dependendo de quem o lia, inclusive frisando que a mulher deveria ser frígida no ato sexual.

A lua de mel se tornaria o momento de descoberta sacramentada do sexo de um novo casal. Apesar disso, a falta de referências a respeito do corpo do cônjuge gerava contradição entre os casais. Tendo como base a nudez das estátuas gregas, ao se depararem com pelos pubianos, houve casos de homens rejeitarem a consumação do casamento.

O homem na sociedade da era vitoriana pouco temia. Se a frigidez de sua esposa na cama, instruída a vida toda a ser assim, lhe frustrasse, poderia ter uma amante e mantê-la em sigilo. Se não estivesse satisfeito poderia frequentar bordéis, onde as mulheres eram instruídas a utilizar preservativos. Ainda assim tinha a possibilidade de encontrar uma prostituta em uma rua ou beco da cidade. Essas mulheres, entretanto, eram altamente expostas a doenças venéreas. Se ainda não se agradasse, poderia facilmente comprar uma jovem de uma família pobre. Mas a única coisa imperdoável a um homem da era vitoriana seria sua homossexualidade.

Oscar Wilde foi a personificação da homofobia nesta época. Após seu julgamento, amplamente coberto pela imprensa, tornaram-se corriqueiros escândalos sexuais na nobreza da Inglaterra. Esta era chegou ao seu fim com o crescente movimento feminino para o direito de voto.

O sexo no século XX

Havia uma constante luta moral entre a repressora conduta vitoriana e a nova ordem de liberdade sexual que estava surgindo. Mulheres começa-

ram a sair de casa, trabalhar e passear em público. Freud e outros estudiosos da época trouxeram uma nova visão da sexualidade, antagonizando a moralidade, a de que o sexo era uma necessidade humana e natural. Margaret Sanger foi enfermeira, sexóloga, escritora e ativista do controle de natalidade. Margaret afirmava que o resultado de ter muitos filhos, a fertilidade, diminui a qualidade de vida da mulher.

Com a Primeira Guerra Mundial e a participação dos EUA nela, surge também o primeiro programa de educação sexual. Visando que os soldados não contraíssem nenhuma doença venérea ou contagiosa nos bordéis, vários foram fechados ao redor das bases militares. Ideias de que qualquer mulher pudesse estar aliada ao inimigo e atrairia soldados à morte, assim como de que doenças venéreas eram mais mortíferas que balas, foram sistematicamente implantadas nos soldados, fazendo com que os militares confiassem, portanto, na abstinência sexual ao invés de prevenção e medicamentos. Com o retorno dos jovens militares à América, chega então a liberdade sexual dos anos 20. Surgem os preservativos mais baratos, diafragma, espermicidas e festa libertinas na América. Estas mudanças permitem às mulheres fazerem sexo, votar e fumar, mas ninguém podia beber álcool, uma herança puritana que tentava combater o alcoolismo. Na década de 20 os grupos gays e lésbicos celebravam cerca de 8 bailes anuais. Margaret Sanger importava clandestinamente diafragmas e qualquer outro método contraceptivo que conseguisse, da Holanda. Viajava por todo país e palestrava sobre o controle de natalidade. Em 1929, com o colapso da bolsa de valores, todos os excessos e glamour da década de 20 foram perdidos. As pessoas estavam deprimidas, sem emprego, dinheiro ou comida, resultando em uma diminuição drástica da natalidade. Com isso, a censura e a moralidade voltaram com toda a força.

A Segunda Guerra Mundial redefiniu os modelos de relações de longa duração. Doze milhões de americanos foram enviados para a guerra, deixando mães, irmãs, esposas e amantes. Com menos homens no mercado de trabalho, as mulheres tomaram a frente e trabalhavam nas fábricas e lojas. Tratando-se mais realisticamente da vida sexual dos soldados, naquele momento, ensinando-lhes táticas de prevenção a doenças venéreas, cada homem recebia 8 preservativos por mês. A descoberta da Penicilina auxiliou no combate da Sífilis e da Gonorreia, em 1943. Com o término da guerra, em 1945, milhões de homens retornaram à América. Com isso houve o baby-boom, aumentando drasticamente a taxa de natalidade. Nos anos 50 tentou-se a recuperação dos valores vitorianos, da mulher dona de casa

e que aguarda o retorno de seu marido do trabalho com uma torta sobre a mesa. Entretanto, muitas mulheres continuaram a trabalhar fora e isso resultava na autonomia e liberdade feminina.

Nos anos 60, Sanger e Gregory Pineus desenvolveram o Enovid-10, depois amplamente conhecido como pílula anticoncepcional. Apesar de esta década ser considerada mais liberal, ainda havia muita intolerância e homossexuais eram perseguidos pela polícia. Cerca de 50 mil homens foram presos em Nova York sob a acusação de homossexualidade entre os anos 20 e os anos 60. No final dos anos 60, o fato de a polícia de Nova York realizar prisões dentro de um bar gay, onde o público revidou, foi o estopim para diversas frentes de luta pela diversidade sexual. Os anos 70 foram uma década de prática sexual e liberdade. Surgiram discotecas onde heterossexuais, gays, lésbicas, transexuais e Drag Queen's compartilhavam o espaço harmoniosamente. Porém, ao final da década, Reagan assume a presidência dos EUA e o conservadorismo retorna, com a Guerra às Drogas e a disseminação da AIDS pelo mundo.

Em junho de 1981, surgiu um artigo relatando um tipo de câncer raro que atingiu cerca de 41 homens gays. Chamado de "Gay-Cancer" na época, posteriormente vem a ser conhecido como AIDS (1982). Em 1985, 12 mil americanos já tinham sido infectados. Inicialmente acusavam-se os homossexuais como causadores da AIDS, havendo até certa negligência do governo para com o investimento em pesquisas, visando a cura para esta parcela da sociedade. Dizia-se que se afetava os gays, era só esperar que todos morressem. Após surgirem mulheres e homens heterossexuais com AIDS é que se intensificou de fato a pesquisa em um tratamento. Agora o preservativo não mais servia apenas para a contracepção, mas sim para o sexo seguro.

E hoje, o que se espera desta sociedade polarizada entre certo e errado, esquerda e direita, católicos e muçulmanos, entre outras manifestações dicotômicas? A verdade é que parte da população humana será atingida pelo sentimento de liberdade, solidariedade e compreensão, e outra não, continuando fechada nos seus dogmas sociais e religiosos. Sempre foi assim.

Então afinal, o que a biologia tem a dizer? Os estudos biológicos se concentram na defesa do equilíbrio do meio ambiente e na garantia da biodiversidade. É exatamente nisso que devemos nos concentrar: em manter um ambiente equilibrado, de respeito e solidariedade e, ainda que haja diversidade, seja ela em que âmbito for, se manifeste com harmonia nesta sociedade e em sociedades futuras.

Referências

- ALHO, J. S.; MATSUBA, C.; MERILA, J. Sex reversal and primary sex ratios in the common frog (*Rana temporaria*). **Mol. Ecol.** **19**, 1763–1773 (2010).
- BAILEY, Nathan W.; ZUK, Marlene . “Same-sex sexual behavior and evolution.” **Trends in Ecology & Evolution** **24.8** (2009): 439-446.
- BOCKLANDT, Sven et al. “Extreme skewing of X chromosome inactivation in mothers of homosexual men.” **Human genetics** **118.6** (2006): 691-694.
- CHAN, S. T. H.; YEUNG, W. S. B. Sex control and sex reversal in fish under natural conditions. **Fish Physiol.** **9**, 171-222 (1983).
- DORNER, G. “Hormones and sexual differentiation of the brain.” **Sex, hormones and behaviour**. Vol. 62. Excerpta Medica Amsterdam, 1979. 81-112.
- HA, Huy et al. “Homosexuality-related stigma and sexual risk behaviors among men who have sex with men in hanoi, Vietnam.” **Archives of sexual behavior**, **44.2** (2015): 349-356.
- HAMMER, D. “Androgen Involvement in Homosexuality.” **American Journal of Human Genetics**, **53** (1993): 844-52.
- HOLLELEY, Clare E. et al. “Sex reversal triggers the rapid transition from genetic to temperature-dependent sex.” **Nature**, **523.7558** (2015): 79-82.
- KRAMER, C. R.; MICHAEL, A. I. “Neuropeptide Y (NPY) induces gonad reversal in the protogynous bluehead wrasse, *Thalassoma bifasciatum* (Teleostei: Labridae).” **Journal of Experimental Zoology Part A: Ecological Genetics and Physiology** **279.2** (1997): 133-144.
- LOVEJOY, C. O. “Evolution of human walking.” **Sci. Am** **259** (1988).
- LUKAS, DIETER, TIMOTHY H. CLUTTON-BROCK. “The evolution of social monogamy in mammals.” **Science**, **341.6145** (2013):526-530.
- PERKINS, M. W. “Female homosexuality and body build.” **Archives of Sexual Behavior**, **10.4** (1981): 337-345.
- POUGH et al. **A Vida dos Vertebrados**. 4. ed. (2008).
- QUINN, A. E. et al. Temperature sex reversal implies sex gene dosage in a reptile. **Science**, **316.5823** (2007): 411-411.
- REY, J. H.; COPPEN A. J. Distribution of androgyny in mental patients. **British medical journal**, **2.5164** (1959):1445.
- ROWE, T. B.; THOMAS E. M.; ZHE-XI, L. Fossil evidence on origin of the mammalian brain. **Science**, **332.6032** (2011): 955-957.
- SCOTT J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, **20**:71-100. (1995).

SENKEVICS, A. S.; JULIANO, Z. P. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia** (2012).

POLETTI, L. **Homofobia já fez quase 150 vítimas no país em 2016**. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/homofobia-ja-fez-quase-150-vitimas-no-pais-em-2016/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

BRASIL DEBATE. **A violência homofóbica em números**. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/a-violencia-homofobica-em-numeros/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

WIKIPÉDIA. **Enkidu**. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Enkidu>>. Acesso em: 20 set. 2017.

TUDOS BRASIL. **A mulher no Antigo Egito**. Disponível em: <<https://tudorbrasil.com/2016/01/22/a-mulher-no-antigo-egito/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

JOHNSON, P. **Coleção História Ilustrada Egito Antigo**. Ed. Ediouro, 2010.

HOCHBERG, C. G. **Safo e as lésbicas da Ilha de Lesbos**. Disponível em: <http://obviousmag.org/entre_o_mar_e_as_terras_do_meio/2016/safo-e-as-lesbicas-da-ilha-de-lesbos.html>. Acesso em: 20 set. 2017.

WIKIPÉDIA. **Margaret Sanger**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Margaret_Sanger>. Acesso em: 20 set. 2017.

WIKIPÉDIA. **World War II**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/World_War_II>. Acesso em: 20 set. 2017.